



6 DE JULHO DE 2025¹

Gisela Viana Monteiro²

Ainda é tempo de viver?
Ainda há tempo de amar?
Ao nosso corpo pertencer
Quando a regra é performar

Ter de escancarar as portas
Do que não querem aceitar
Ter nosso corpo como luta
em cada lugar onde ocupar

Ainda há tempo de viver?
Ainda é tempo de amar?
Para no fim sobreviver
Ter história pra contar

Por um dia renascer
Ver verdade revelar
Ter a alegria de ser
(Apenas ser!)
E meio aos meus
Sem questionar.

1 Justificativa: O presente poema foi composto na data da Parada do Orgulho LGBTQIAPN+ do Distrito Federal, que dá título à obra. Trata-se de uma reflexão íntima que aborda a teoria performativa de Judith Butler e a metáfora do armário como categoria trabalhada por Eve Sedgwick, sentidas no tempo presente, o qual tem se mostrado cada vez mais brutal contra as vidas de pessoas desse grupo, situação a qual também se reflete nas minhas experiências como bissexual em um meio familiar intolerante às formas diversas do sentir humano. Esse conjunto revela que o próprio corpo se estabelece como local de disputa político-jurídica desde a sua concepção como alguém fora da heteronormatividade, a qual produz e reproduz o seu próprio código normativo reiterada e indefinidamente, em um cenário cada vez mais incerto.

2 Graduada da Faculdade de Direito da Universidade de Brasília, 5º semestre. E-mail de contato: giselaviana23@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9439260915061805>.